

METODOLOGIA

A pesquisa da Soma foi realizada no dia 25 de abril. As margens de erro da pesquisa são de 4%, com um intervalo de confiança de 95%. Isso significa que, se realizadas infinitamente, com a mesma metodologia, as diferenças máximas entre as pesquisas seriam de 4% em 95% das vezes.



Joaquim Firmino 23.4.81



TODOS NA RUA

Ulysses Guimarães sai à sacada do prédio da Associação Comercial, durante manifestação pela direito ao voto. Era tanta gente que não coube no auditório e todos foram para a rua

VITÓRIA AO ACASO

Insinuante, apesar das linhas retas em oposição à preferência nacional pelas curvas, Brasília já dividia a todos, desde o berço, entre o amor e o ódio. “Foi uma guerra”, revela Carlos Murilo, afilhado de Juscelino Kubitschek e primeiro parlamentar a morar na nova capital. Com a missão de semear a política na terraplanagem que se abria, o deputado federal deixou para trás um Rio de Janeiro forrado pelos jornais com artigos contrários à mudança e com o eco dos gritos lacerdistas. “A emenda aprovando a transferência acabou passando por acaso. Todos achavam que não seríamos loucos o suficiente para levar o projeto à frente”, conta.

Mas foram. E os mudancistas pagaram um certo preço pela loucura: além de comer poeira do cerrado prometeram abrir uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar a liberação de verbas para Brasília. O compromisso firmado com a oposição foi o de instalar a CPI depois da inauguração. Se instalassem antes, Brasília poderia não ser concluída. Foi uma das primeiras CPI a dar em pizza no Brasil. O arquiteto Carlos Magalhães lembra que o Rio de Janeiro sempre que podia fechava as torneiras para segurar o dinheiro. “Não fosse Israel Pinheiro, primeiro prefeito da capital, que saía recolhendo à força dinheiro dos empresários da cidade, muitas obras teriam ficado incompletas.”

Brasília acabou nascendo de um misto de inteligência, jogo de cintura, trabalho, sonho. Genes do Brasil, enfim. Quem a conheceu na adolescência, anestesiada pelo chumbo de uma tutela que a emudeceu,

não imagina que os primeiros passos, de 1960 a 1964, tenham sido tão turbulentos. Como quem aprende nas ruas. A primeira dessas anotações no diário da infância talvez tenha sido a criação do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, uma resposta dos operários à violenta repressão da guarda policial na construtora Pacheco Fernandes.

OS APAIXONADOS

Para quem somente imaginava alvorada e pôr-do-sol no concreto cartesiano, desde cedo a cidade apresentava uma personalidade marcante. Seria um ser absolutamente político. A Associação dos Funcionários da Novacap surge na sequência, sob a liderança de Geraldo Campos. “Queriam fazer da associação uma entidade beneficente, mas conseguimos transformá-la em uma entidade de classe”, relembra Campos, que anos mais tarde tornou-se deputado federal.

Surgia então a mais representativa entidade dos funcionários públicos da nova capital. Três jovens foram personagens principais das histórias de luta política da cidade: Adelino Casais, Geraldo Campos e José Oscar Pelúcio, que lutaram nos primeiros momentos para que Brasília se mantivesse no imaginário do povo.

Pelúcio sabe na ponta da língua passagens ilustres e outras nem tanto da vida política da cidade. Nas nove das dez greves ou manifestações feitas pelos movimentos sindicais, ele esteve presente. Ele cita algumas: a criação do 13º salário, e a equiparação salarial com Rio e São Paulo e transformação de funcionários da



PARA NÃO ESQUECER

Maurício Corrêa (ao centro), Sigmaringa Seixas (filho) e Sepúlveda Pertence (à esquerda) e Sigmaringa(pai, à direita): OAB fechada

Joaquim Firmino 23.4.81



PELA AUTONOMIA

Lindberg Cury, Lula e Ulysses Guimarães, juntos pela autonomia política: maioria quer manter esse direito

Novacap em servidores públicos. “As primeiras entidades classistas consolidaram a atração do cidadão simples pela musa dos intelectuais”, diz Pelúcio. E a forjaram absolutamente política.

Esses pioneiros relatam os momentos difíceis da cidade, acometida em seus primeiros anos pela virose das obras para-

lisadas, que provocou como efeito colateral um contingente demais de 300 mil desempregados. Sem ter o que fazer, saíam às ruas em grupos, com vassouras e baldes na mão, para a assepsia da Brasília adoentada pela descontinuidade administrativa. Ao final do dia, faziam fila em frente às administrações — as maiores eram no Bandei-

rante e em Taguatinga. Queriam receber o pagamento, mas não havia contrato.

DEPOIS DO SILÊNCIO

Veio o golpe em 1964 e com ele, o silêncio. Quatro anos depois, ouvia-se os gritos de estudantes da UnB. Surgem daí líderes como Davi Emerick, Hélio Doyle, Augusto Carvalho, Maria José Maninha, Honesto Guimarães. “Sinto orgulho de ter participado de boa parte dos movimentos da luta pela democracia”, conta Emerick. O movimento da UnB estendeu-se para outras universidades particulares e ajudou na criação de entidades religiosas e comunitárias. A mais significativa delas, os Incansáveis da Ceilândia (leia quadro abaixo). Uma histórica greve fez de Augusto Carvalho o nome maior do sindicalismo no final da década de 70.

“Houve um hiato histórico entre 68 e fins de 70”, conta o jornalista Máximo Manzolito, que coleciona notícias do período. Em 1979, surgem Chico Vigilante, líder nascido na grande greve dos vigilantes, e José Neves, no Sindicato dos Comerciantes. Em seguida, Pedro Celso, nos Rodoviários, Geraldo Magela e Erica Kokay, nos Bancários, Lúcia Carvalho, nos Professores. Logo depois, em 1981, nasce o PT do DF.

O discurso de 1981 abriu caminho para o fim dos governadores nomeados, a aprovação da eleição para deputados em 1986 e para governadores em 1990, a promulgação da Lei Orgânica, eleição de Cristovam e a volta de Roriz. Aos 40, Brasília não abre mão do voto nem do embate político, pouco importam os erros cometidos.

1959

Criação do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil e da Associação dos Funcionários da Novacap

1960

Brasília inaugurada, os três poderes da República instalam-se simultaneamente

1962/1964

Desempregados varem ruas para conseguir emprego

1973

Criação dos Incansáveis da Ceilândia

1981

Comício inicia luta pela emancipação política

1983

Newton Cruz manda fechar a OAB/DF, onde se realizava um ato de protesto contra as medidas de emergência

1990

Eleitos o primeiro governador e os primeiros deputados distritais

1993

Promulgada a Lei Orgânica do Distrito Federal

liderada por Elino Alves de Moraes. E mais: O Sindicato dos Motoristas, presidido por José Paulo Costa e o dos Jornalistas liderado por Aristeu Nogueira.

Associação dos Incansáveis da Ceilândia

Removidos da Vila do Iapi, Vila Tenório, Morro do Urubu, em 1971 foram despejados no cerrado com a promessa de que pagariam preços simbólicos pelos lotes da Terracap. Um carro de som da administração convoca moradores para regularizarem seus lotes. Mais

Reprodução



de cinco mil pessoas correram atrás da pechincha. Dois anos depois, o GDF resolveu mudar de ideia e cobrar preços de mercado pelos lotes. Os pioneiros pobres se revoltaram e formaram a mais conhecida associação de moradores de Brasília: Os Incansáveis da Ceilândia (foto). Mais de cem mil habitantes aderem ao movimento. Lúcia Carvalho, Francisco Morbeck e Euripedes Camargo lideraram os Incansáveis.

Ação Cristã Pró-Gente

Nasceu junto com o processo de transferência da

Ceilândia, no início da década de 1970. Iniciativa de evangélicos vinculados à Igreja Presbiteriana, teve entre seus líderes o ex-deputado do grupo autêntico do PMDB Lysâneas Maciel. Ela desenvolvia projeto de assistência a crianças, mães gestantes e de mobilização comunitária, sempre privilegiando espírito crítico e a participação popular. No corpo da diretoria da Pró-Gente passaram vários representantes da esquerda, entre eles Davi Emerick e Francisco Morbeck.

Cebrade

Foi um movimento

inspirado pelo Partido Comunista Brasileiro, então na clandestinidade, e liderado pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Nascido no Rio de Janeiro, o Centro Brasil Democrático espalhou-se para vários estados transformando-se em espaço de articulação de lideranças políticas e intelectuais de diversas tendências ideológicas. Fazia oposição de forma pública e frontal ao regime militar. Liderados Carlos Alberto Torres, Davi Emerick, comandante Melo Basto, Mauro Dutra, Maerle Ferreira Lima, Sigmaringa Seixas e Fernando Tolentino.